

ESCOLA COMUNITÁRIA DE S. MIGUEL DE MACHEDE:
UMA EDUCAÇÃO DIFERENTE PARA OPORTUNIDADES IGUAIS.

José BRAVO NICO*
Maria Gertrudes LINO**

Introdução

Há um ano, apresentámos, ao II Congresso da AIPELF, a Escola Comunitária de S. Miguel de Machede. Na presente comunicação, pretendemos apresentar, ao IX Colóquio da AIPELF/AFIRSE, a caminhada que se fez ao longo destes últimos meses, no sentido da promoção do bem-estar de uma pequena comunidade rural do Alentejo, na qual, um conjunto de cidadãos entendeu assumir a educação como um vector fundamental no combate à exclusão e desertificação.

A nossa Escola Comunitária...

A **Escola Comunitária de S. Miguel de Machede** faz parte integrante de uma associação de desenvolvimento comunitário chamada SUÃO, na qual trabalham, actualmente, quatro funcionárias e são voluntárias, cerca de trinta pessoas.

O modelo curricular, que serve de base ao funcionamento e organização da nossa Escola Comunitária, assenta numa premissa, concomitantemente, simples e poderosa: aprender-se o que se quer aprender, usando o quotidiano das vidas que se vivem, numa comunidade como a nossa, e sempre com os propósitos de retirar dessa actividade o prazer e o gosto de aprender com os outros.

Na realidade, em termos de desenho e prática curriculares, parece que começamos ao contrário do que seria normal. Gostamos mais de pensar nas coisas de que gostamos, do que nos nossos problemas. Preferimos inventariar as nossas potencialidades, do que identificar, exclusivamente, as nossas necessidades.

* Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora : jhn@uevora.pt
SUÃO Associação de Desenvolvimento Comunitário : bnico@uete.pt

** SUÃO: Associação de Desenvolvimento Comunitário
Rua de Évora, 7 ; 7000-130 S. Miguel de Machede ; telf.: 917 505 712

A educação deve começar com um sorriso e acabar com uma gargalhada, em vez de começar com um receio e acabar com um suspiro de alívio. Por outras palavras, poderíamos dizer que, na nossa Escola Comunitária, assumimos, sem temores, que a Educação deve servir um único propósito: a nossa felicidade. Até porque as pessoas só vivem nos sítios onde são mais felizes. É assim que, dia a dia, tentamos lutar contra a desertificação, que nos tenta envolver com a mesma mortalha fatal, com que já condenou tantas e tantas comunidades como a nossa.

Então o que fazemos?

As nossas actividades reúnem-se em torno de três dimensões: a cultura da comunidade; a cultura global; o desenvolvimento da comunidade.

▪ *A cultura da comunidade*

A nossa comunidade tem uma história. A que foi sendo feita pelas pessoas mais marcantes e pelos momentos mais simbólicos e significativos. Temos as tradições próprias do nosso micro-clima social. Temos, inclusivamente, os nossos desportos e as nossas formas próprias de criação cultural.

Um dos objectivos, nesta área, passa pela recolha da informação que, no passado, as gerações de micalenses foram transmitindo, oralmente, umas às outras e colocá-la disponível nos modernos suportes de comunicação: o papel, o vídeo, o multimédia.

Outra ideia passou pelo nascimento de espaços de criação: criou-se um grupo de cante tradicional alentejano (Coral O SUÃOzinho) e um grupo de teatro comunitário (Grupo Comunitário de Teatro da SUÃO). Nestes espaços e tempos das nossas vidas, podemos cantar, representar, escrever, encenar ou, simplesmente, ouvir e ver os nossos amigos. Obviamente que estas actividades não são constantes. Só as realizamos, quando nos apetece e delas retiramos prazer.

Por fim, referiremos o jornal comunitário (Menino da Bica), no qual participam cerca de trinta pessoas e que é distribuído, gratuitamente, a toda a população.

▪ *A cultura global*

Dentro desta dimensão da nossa Escola Comunitária, a finalidade é só uma: conhecer o nosso mundo. Uma das formas que encontramos para dar a conhecer a cultura global foi a criação de uma Biblioteca Comunitária, através da qual, os micalenses recebem, diária, gratuita e domiciliariamente, um jornal diário (Diário do Sul) e, quinzenalmente, os livros que entenderem. Também em casa. A taxa de cobertura é quase de 100%, em termos de jornais e de aproximadamente 65%, em termos de livros.

Outra actividade que temos concretizado com sucesso, são as visitas de estudo. A visita de estudo é isso mesmo: a visita a um local escolhido pelos mais idosos, numa jornada de aprendizagem preparada pelos mais jovens, que guiam os seus pais, amigos e vizinhos, durante um dia, através de locais desconhecidos. Já fomos a Coimbra, a Peniche, a Óbidos, à Universidade de Évora, etc.

Uma terceira actividade que desenvolvemos, dentro desta área da Escola Comunitária, é a Alfabetização. O contacto com as letras é, sem sombras de dúvida, o contacto com uma cultura nova. Com um mundo novo.

▪ **O desenvolvimento da comunidade**

Uma área importante da nossa instituição, prende-se com a criação de condições para garantir a viabilidade económica do nosso projecto e da nossa comunidade. Decidimos, nesta óptica, criar aquilo a que chamámos Gabinete da Papelada, um local onde o cidadão vê resolvidos todos os seus problemas, que vão desde o fornecimento de alimentos aos animais domésticos de alguém, que se ausentou, até à elaboração administrativa de processos relacionados com as reformas ou com o arrendamento urbano. Nas questões burocráticas, tentamos sempre que um(a) jovem trate do assunto ao utente. Assim ganham os dois: o utente vê o seu problema resolvido e o(a) jovem aprende a movimentar-se nas teias burocráticas das nossas vidas.

Um outro serviço que disponibilizamos à nossa comunidade chama-se Loja do Trabalho, na qual tentamos dar um contributo para destruir um vírus terrível que contagia todo o Alentejo: o desemprego. Como? Em primeiro lugar, encaminhando os pretendentes a um emprego para a necessária aquisição de formação. Em segundo lugar, criando nós próprios os empregos que a nossa dinâmica consegue e justifica criar. Já vamos em quatro. E já não chegam para a encomenda.

Concluindo...

Muito mais haveria para contar, como por exemplo, falar-vos do nosso sistema comunitário de recolha selectiva de lixo, chamado Eco-Pernas. No entanto, queremos deixar algo para vos contar, para o próximo ano. Queremos aqui estar no X Colóquio da AIPELF, para vos ir dando contas do que vamos fazendo, da mesma forma que os micaeleuses vão tendo notícias da sua tensão arterial, no nosso Centro Comunitário de Vigilância da Saúde.

Por último, um pedido de desculpas. Esta comunicação obedece muito pouco aos parâmetros científicos normais. Também a nossa Escola...

Referências Bibliográficas

BERBAUM, J. (1988), Un Programme D'Aide au Developpement de la Capacité d'Apprentissage (le PADéCA), La Clastre, Ed. Autor.

FREINET, C. (1973), Para uma Escola do Povo, Lisboa, Editorial Presença.

LENGRAND, P. (1981), Introdução à Educação Permanente, Lisboa, Livros Horizonte

NICO, J.B. e LINO, M.G. (1999) “Escola Comunitária de S. Miguel de Machede: quando ainda é possível encontrar a essência da educação” in Albano Estrela et al (Coord.), Actas do II Congresso Internacional da AIPELF, Lisboa, pp. 206-210.

NICO, J.B. e LINO, M.G. (1999), “ S. Miguel de Machede: uma semente de felicidade”, *Noesis*, nº 51, pp.6-9.

RAKOTOMALALA, P. e THAN KHOI, L. (1981), A Educação no Meio Rural, Lisboa, Moraes Editora.